

Dossiê: A antropologia da saúde na pandemia da Covid-19: reflexões teóricas,  
metodológicas e éticas

**“A nossa parada é a palavra!”:  
a prática das partilhas em grupos de Alcoólicos  
Anônimos e a pandemia da Covid-19**

Mariana Oliveira da Fonte

Universidade Federal do Rio de Janeiro

maridfonte@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-5414-4267>

## RESUMO

O presente artigo analisa as *partilhas*, prática performativa e informativa, desenvolvidas nos grupos de Alcoólicos Anônimos (AA) e sua contribuição para a manutenção da sobriedade. No decorrer do texto, é traçada uma discussão acerca dos impactos que a medida de isolamento social, no contexto da pandemia da Covid-19, acarretou na recuperação dos membros de AA que dependem fundamentalmente dos encontros presenciais dos grupos para o prosseguimento da recuperação. A reflexão é fruto de uma pesquisa qualitativa com base na observação participante, empreendida entre 2017 e 2018, em três grupos situados na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ademais, foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas com integrantes dos grupos pesquisados; destas, duas mais recentes ao episódio da pandemia da Covid-19. As entrevistas demonstraram que os grupos não só se adaptaram ao modelo de reuniões online como perceberam novas funcionalidades e potencialidades neste tipo de interação.

**Palavras-chave:** Antropologia da Saúde; Alcoólicos Anônimos; Alcoolismo; *Partilhas*; Covid-19.

## “Our stop is the word!”: the practice of sharing in Alcoholics Anonymous groups and the Covid-19 pandemic

---

### ABSTRACT

This article analyzes the *sharing*, a performative and informative practice, developed in Alcoholics Anonymous (AA) groups and their contribution to maintaining sobriety. Throughout the text, a discussion is outlined about the impacts that the social isolation measure, in the context of the Covid-19 pandemic, has had on the recovery of AA members, who fundamentally depend on face-to-face meetings of the groups for the continuation of recovery. The reflection is the result of a qualitative research based on participant observation, undertaken between 2017 and 2018, in three groups located in the south zone of the city of Rio de Janeiro. Furthermore, eight semi-structured interviews were carried out with members of the surveyed groups; of these, two more recent to the episode of the Covid-19 pandemic. The interviews showed that the groups not only adapted to the online meeting model, but also noticed new features and potential in this type of interaction.

**Keywords:** Health Anthropology; Alcoholics Anonymous; Alcoholism; *Shares*; Covid-19.

## “¡Nuestra parada es la palabra!”: la práctica de compartir en los grupos de Alcohólicos Anónimos y la pandemia de Covid-19

---

### RESUMEN

Este artículo analiza el *compartir*, una práctica performativa e informativa, desarrollada en grupos de Alcohólicos Anónimos (AA) y su contribución al mantenimiento de la sobriedad. A lo largo del texto, se esboza una discusión sobre los impactos que la medida de aislamiento social, en el contexto de la pandemia del Covid-19, ha tenido en la recuperación de los miembros de AA, quienes dependen fundamentalmente de las reuniones presenciales de los grupos para la continuación de la recuperación. La reflexión es el resultado de una investigación cualitativa basada en la observación participante, realizada entre 2017 y 2018, en tres grupos ubicados en la zona sur de la ciudad de Río de Janeiro. Además, se realizaron ocho entrevistas semiestructuradas con miembros de los grupos encuestados; de estos, dos más recientes al episodio de la pandemia del Covid-19. Las entrevistas mostraron que los grupos no solo se adaptaron al modelo de reunión en línea, sino que también notaron nuevas características y potencial en este tipo de interacción.

**Palabras clave:** Antropología de la Salud; Alcohólicos Anónimos; Alcoholismo; *Compartir*; Covid-19.

## Introdução

Em setembro de 2020, a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) publicou a pesquisa “Uso de Álcool durante a pandemia da Covid-19 na América Latina e no Caribe”<sup>1</sup> e os resultados confirmaram a hipótese levantada por especialistas de que, durante a pandemia, haveria uma intensificação do uso abusivo de álcool. A pesquisa, realizada entre 22 de maio e 30 de junho de 2020, entrevistou cerca de 12 mil pessoas de 33 países da América Latina e Caribe — 30,8% eram brasileiros. Segundo o estudo, 35% dos entrevistados entre 30 e 39 anos passaram a consumir doses excessivas de bebidas alcoólicas em pequenos intervalos.

Em consonância com esse dado, chama atenção o aumento na procura pelos grupos de Alcoólicos Anônimos (AA) durante a pandemia do novo coronavírus, como noticiado na manchete “Pedidos de Ajuda ao AA triplicam durante a pandemia; reuniões on-line são desafio”<sup>2</sup>. Neste caso, tendo em vista que a recuperação proposta pelos grupos anônimos se fundamenta sobretudo a partir das reuniões diárias entre mulheres e homens que compartilham *o problema em comum com o álcool*<sup>3</sup>, é possível supor que o isolamento social em razão da pandemia, tenha provocado mudanças significativas na recuperação de muitos(as) alcoólicos(as).

As reuniões diárias do AA acontecem em torno da prática das *partilhas*, atos de fala imbuídos pela tentativa de rememorar um tempo passado marcado pelo uso de álcool, construído *a posteriori*, segundo a memória de quem o viveu. Assim, trata-se de uma prática, performativa e informativa, que além de transmitir narrativas de histórias de vida, desencadeia efeitos na recuperação e no desejo por parar de beber, tanto no membro que fala sobre si, quanto naqueles que a testemunham como ouvintes. Neste caso, ao se posicionarem diante de outros membros do grupo que compartilham da doença do alcoolismo, os alcoólicos utilizam o recurso da fala para resgatar memórias do *tempo de ativa* — tempo passado marcado pelo uso de álcool — a fim de acessar comportamentos e atitudes que os dificultariam construir um novo estilo de vida marcado pela sobriedade.

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com a aplicação de um questionário online anônimo, desenvolvido em inglês, espanhol, português e francês. Os respondentes eram residentes de um dos 33 países da América Latina e tinham 18 anos ou mais. Pesquisa disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52936>. Acesso em: 15 abr. 2023.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2020-06-09/pedidos-de-ajuda-ao-aa-triplicam-durante-pandemia-reunioes-on-line-sao-novo-desafio.html>. Acesso em: 15 abr. 2023.

<sup>3</sup> Todos os termos êmicos serão grafados em itálico.

Desse modo, o artigo, em um primeiro momento, apresenta brevemente a estruturação dos grupos de Alcoólicos Anônimos e seus principais postulados. Em seguida, discorre mais longamente sobre a prática das *partilhas*. Por fim, a partir deste panorama mais geral sobre o funcionamento da recuperação proposta pelo AA, tenciona a nova realidade pandêmica e seus desdobramentos para a recuperação de quem, até então, dependia dos encontros presenciais para manter a sobriedade.

## Metodologia

Este artigo é um desdobramento de uma pesquisa de mestrado (2019)<sup>4</sup> realizada entre os anos de 2017 e 2018, de caráter qualitativo, que teve como metodologia entrevistas semiestruturadas e a observação participante em três grupos de Alcoólicos Anônimos (AA), localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

A observação participante ocorreu em reuniões abertas de AA (nas quais é permitido a presença de familiares, visitantes e curiosos). Tais reuniões acontecem de segunda-feira a domingo, das 8h30 às 22h, incluindo feriados. É importante esclarecer que buscou-se variar não somente os grupos frequentados, mas também os turnos das reuniões (manhã, tarde e noite) com o objetivo de compreender de que modo tais fatores interferiam na dinâmica das reuniões e nos próprios temas que surgiam nos depoimentos dos alcoólicos<sup>5</sup>.

A negociação da entrada em campo e a possibilidade de realização da observação participante foram facilitadas pelo contato já estabelecido com membros dos grupos, devido à pesquisa realizada também em AA no período da graduação. Somado a isso, a justificativa de divulgação do grupo e de sua terapêutica foi utilizada pelos membros para a autorização das visitas e permanência em campo. Sobre isto resalto que, à primeira vista, essa facilidade de concessões pode parecer contraditória em relação ao princípio êmico do anonimato. Todavia, quando analisada mais de perto, reflete algo importante sobre a própria terapêutica do grupo, que se sustenta fundamentalmente por meio de depoimentos de seus membros. Sob o ponto de vista dos interlocutores, a minha presença em campo configurava mais do que a possibilidade de divulgação do grupo, pois representava a

---

<sup>4</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

<sup>5</sup> A partir dessa estratégia metodológica foi possível perceber que as dinâmicas das reuniões, bem como a trama das narrativas dos interlocutores não variam em demasia, salvo as particularidades de história de vida de cada membro.

oportunidade de testemunhar<sup>6</sup> sua trajetória de superação atravessada pela doença do alcoolismo para alguém que não sofre da mesma condição.

Ademais, as narrativas sobre as quais este artigo se debruça são frutos de um duplo movimento de *partilha* biográfica: uma testemunhada em *cabeceira de mesa* — espaço físico que demarca o local de fala e de expressão dos alcoólicos — para o coletivo no decorrer das reuniões e, a outra, dita a mim no espaço da entrevista. Em ambos os espaços de fala, ressalta-se a inevitável relação de alteridade do próprio contexto etnográfico. E enfatiza-se a tentativa dos alcoólicos em atribuir sentido, *a posteriori*, às experiências com o álcool, assim como qualificar um tempo vivido em um contexto presente de recuperação.

Acerca das entrevistas é importante esclarecer que as narrativas de cada entrevistado(a) determinaram o ritmo de modo que, em alguns casos, não foram realizadas todas as perguntas propostas pelo roteiro preliminar. A princípio, o coordenador responsável pelos grupos selecionou os membros que poderiam ajudar com a pesquisa, mas ao longo de um ano de frequência e observação, alguns membros, de forma voluntária, me procuraram para a realização da entrevista.

Duas entrevistas são mais recentes, datam de 2021, e tratam-se de interlocutoras já conhecidas por meio do trabalho de campo realizado entre 2017 e 2018. Elas foram procuradas por mim para falar sobre a relação dos grupos com a pandemia e aceitaram realizar a entrevista pelo canal de comunicação online do *Google Meet*.

## O grupo de Alcoólicos Anônimos

Em 1940 surge o primeiro grupo de Alcoólicos Anônimos no Brasil. Cinco anos após um corretor de imóveis e um médico, ambos portadores da doença do alcoolismo, criarem um grupo de conversação na cidade de Nova Iorque que reunia alcoólicos solidários às dificuldades em torno do problema em comum com o *uso abusivo de álcool*. Desde então, o grupo defende que não se alia a nenhuma seita ou religião, nenhum partido político, organização ou instituição. Intitula-se autossuficiente e se mantém graças às contribuições dos próprios membros.

O termo “alcoólico”, utilizado nas principais literaturas de Alcoólicos Anônimos (AA) e entre seus próprios membros, faz referência à condição patológica do alcoolismo. Seu

---

<sup>6</sup> Mais adiante reflito sobre a possibilidade de interpretar as *partilhas* como uma modalidade de testemunho.

uso é em detrimento à associação entre adoração e o álcool, enfatizada pelo sufixo *latra* (do termo “alcoólatra”), de origem grega, que remete à ideia de adorador, distorcendo o quadro de dependência da doença. Entre os membros de AA, o uso do termo recuperação faz referência ao processo de reabilitação de si e de suas relações sociais por meio de um movimento constante de vigia em relação à vontade de beber. Dessa forma, o propósito fundamental dos grupos de Alcoólicos Anônimos é a sobriedade e a promoção da ajuda mútua na manutenção do estado sóbrio<sup>7</sup>.

É importante esclarecer que o grupo de AA percebe o alcoolismo como uma doença *crônica, progressiva e incurável, de base física, moral e espiritual*. Dessa forma, a recuperação proposta combina certa concepção fisicalista do paradigma biomédico (explicitada em termos como “compulsão”, “dependência”, “doença crônica”) com uma concepção “moral-espiritual”, que posiciona o membro no centro de seu processo de recuperação. A oscilação entre uma concepção e outra indica que a noção êmica da doença supera a concepção do saber biomédico como hegemônico e admite outros saberes (“moral” e “espiritual”) durante o processo de saúde-doença dos alcoólicos em recuperação.

A constituição do modelo biomédico, compreendido como um saber que incide sobre o processo de saúde-doença, está associada à configuração individualista na cultura ocidental moderna (Dumont, 1985 [1983]). De acordo com Octavio Bonet, dessa configuração individualista “surge uma nova concepção de pessoa, colocando o indivíduo como valor supremo — transformação fundamental para que a biomedicina se cristalice como um modelo sobre o corpo e a doença” (Bonet, 1999, p. 125).

Ao assumir que a doença do alcoolismo abrange certa conotação “moral-espiritual”, o grupo entende que os desdobramentos da doença não atingem somente a corporalidade dos alcoólicos (*tonteira, hematomas, enjoo, enxaqueca, entre outros*), mas também a forma como os sujeitos constroem sua própria representação, como são percebidos e se relacionam. Nas palavras de Eduardo Tadeu Brunello (2013), “o alcoolismo, nessa perspectiva [de AA], nada mais seria que a implicação de uma trajetória que adoeceu em sua totalidade” (p. 43).

---

<sup>7</sup> A recuperação estrutura-se por meio dos Doze Passos e das Doze Tradições que funcionam como um guia prático para remediação dos prejuízos de caráter mental e físico causados pela compulsão de bebidas alcoólicas.

## A prática das *partilhas*

“Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos, e sabedoria para distinguir umas das outras”.<sup>8</sup> Após solicitar um minuto de silêncio para a oração da serenidade descrita acima, o coordenador da reunião leu o Preâmbulo de AA:

Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham, entre si, suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro de AA não há taxas ou mensalidades, somos autossuficientes, graças às nossas próprias contribuições. AA não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causas<sup>9</sup>.

Naquela tarde, Pedro<sup>10</sup> foi o primeiro membro a falar. Como de costume, dirigiu-se ao banco alto, localizado ao lado da mesa do coordenador (cargo voluntário) e compartilhou suas experiências com álcool e suas dificuldades em torno da recuperação durante cerca de 7 minutos — tempo limite permitido para cada membro presente na reunião. Impulsivo e bastante agitado, como normalmente aparentava nas reuniões diárias, Pedro olhou pela janela e disse: “O turista chega, desce do navio, dá uma volta na Praça Mauá e acha que já conhece o Rio de Janeiro. Eu era assim com a minha vida!”. Aos 28 anos e em recuperação há 6, Pedro, através de sua fala, revelou o que estava em jogo em sua *partilha*: o interesse em resgatar a própria vida, ato fundamental para alguém que deseja fazer de si sua morada. O que Pedro repreendia era ser um turista em sua própria vida, visitando-se esporadicamente e se conhecendo superficialmente.

Há pouco mais de três anos ouvi essa *partilha* de Pedro em uma reunião de AA e sempre que escrevo sobre essa prática retomo sua narrativa. Isto porque ela reflete perfeitamente a questão fundamental sobre as *partilhas*: são espaços de elocução que

---

<sup>8</sup> Oração da serenidade de Alcoólicos Anônimos. Disponível em: <https://www.aa.org.br/informacao-publica/sobre-a-a/oracao-da-serenidade>. Acesso em: 15 abr. 2023.

<sup>9</sup> O preâmbulo de Alcoólicos Anônimos apresenta os princípios fundamentais do grupo. Disponível em: <https://www.aa.org.br/informacao-publica/sobre-a-a/quem-somos>. Acesso em: 26 dez. 2021.

<sup>10</sup> Em nome do princípio ético pertinente à prática etnográfica e em respeito ao anonimato dos interlocutores, são utilizados nomes fictícios para mencioná-los.

permitem aos membros de AA construir e reconstruir sua pessoa, e, a partir disso, apropriar-se da própria vida.

De acordo com o que foi observado em campo, ao longo de suas *partilhas*, os membros de AA rememoram o *tempo de ativa* — termo nativo para classificar um tempo passado marcado pelo uso de álcool — construído *a posteriori*, segundo a memória de quem o viveu ou de quem o presenciou de perto. Por meio do resgate de experiências de um tempo passado, os alcoólicos constroem um senso de agência sobre sua pessoa e sua própria história (Das, 1999), cujo resultado é a fusão do conhecimento de si com o próprio processo da vida, que transcorre ao longo dos tempos vividos e do tempo que se busca viver com sobriedade. Desse modo, o compartilhamento da fala é a ferramenta principal que possibilita a produção de determinado estatuto de Pessoa em meio a uma rede de interlocutores dispostos a ouvir as narrativas.

No entendimento de Judith Butler (2017) sobre o ato de relatar a si mesmo, a autora propõe que o fundamental nesse processo é o sentido produtivo de fazer “si mesmo” que ele carrega, pois gera autorreflexão. Assim, o trecho da *partilha* de Pedro nos ajuda a pensar a produção da Pessoa a partir dos atos de fala. A determinação dele em resgatar a própria vida é fruto de um processo que se inicia com o resgate de seu passado e segue em construção. No *tempo de ativa*, Pedro era um turista em sua própria vida, isto é, vivia sem conduzi-la, a passeio. Já em recuperação, ele pode escolher dentro de uma série de possibilidades construir e (re)construir o seu modo de conduzir a vida.

De acordo com Butler, o relato de si

[...] não tem como objetivo o estabelecimento de uma narrativa definitiva, mas constitui uma ocasião linguística e social para a autotransformação. Em termos pedagógicos, constitui parte do que Sócrates exemplificou sobre a *parresía* como uma fala corajosa no espírito crítico da ‘Apologia’. Em termos foucaultianos, ‘o alvo dessa nova *parresía* não é persuadir a Assembleia, mas convencer de que se deve cuidar de si e dos outros; isso significa que se deve mudar de vida’ [Foucault, 2001: 106] (Butler, 2017, p. 165).

Em *cabeceira de mesa* — espaço físico que demarca o local de fala e expressão dos alcoólicos — os membros iniciam a fala apresentando o próprio nome e há quanto tempo estão em recuperação em AA. “Me chamo João, um alcoólico em recuperação e estou há 3 anos sem beber, mas só por hoje!”, por exemplo. Nesta fala inicial, dois elementos chamam atenção: em primeiro lugar, a importância atribuída à demarcação do nome

próprio, primeiro indício de que ali há uma Pessoa em construção que procura, através da *partilha*, resgatar a autonomia de escrita de sua própria biografia (Bourdieu, 2006). O nome, por sua vez, é acompanhado da qualificação “alcoólico em recuperação”, que localiza o sujeito como um membro de AA. Nesse caso, se por um lado o nome particulariza a pessoa, por outro, o termo “alcoólico em recuperação” a insere em uma coletividade e cria identificação. O segundo elemento presente na fala inicial das *partilhas* é a referência ao tempo de recuperação acompanhado por uma conjunção adversativa (mas) que destaca o princípio fundamental de AA: a recuperação é renovada a cada 24h.

Como é possível supor, a linguagem das emoções em um contexto de recuperação é o dispositivo criador, por excelência, de identificação entre os membros e o que possibilita o compartilhamento de experiências de dor entre os alcoólicos. Ao longo das *partilhas*, as emoções operam como uma linguagem que pretende comunicar algo, isto é, um conector entre quem fala e quem escuta. Assim, trata-se de uma linguagem que não se restringe aos fenômenos psicológicos e fisiológicos, mas também sociais, porque possuem um caráter coletivo (Mauss, 2005 [1921]).

Entretanto, comunicar certas experiências nem sempre é algo que as palavras conseguem dar conta. Nesse sentido, há casos em que a fala deixa de ser o mecanismo recorrente de comunicação e o choro, por exemplo, assume o lugar de narrar o que foge e escapa às palavras. Assim como o choro, o silêncio se apresenta como um simples ato de não dizer, e ainda assim expressar algo (Das, 1999). Por isto, pensar a expressão e o compartilhamento de emoções em grupos de AA é tangenciar o que muitas vezes está localizado na linha tênue entre o dizível e o indizível.

Nesse processo de construção e (re)construção de si por meio das *partilhas*, acessar as memórias do passado é uma atitude fundamental para evitar a denominada *amnésia alcoólica* — termo nativo para designar a incapacidade de lembrar de eventos ocorridos no período de *ativa*. Não destinar certas experiências ao esquecimento e revisitar quem se foi um dia (e como) é, por assim dizer, um esforço contínuo que contribui para a elaboração de quem se busca ser. O ponto de partida para este processo de revisitação de si remete ao fenômeno denominado *fundo do poço* — termo nativo para caracterizar a situação-limite, situacional e particular que leva o alcoólico a procurar por ajuda e recuperação. Ivan, um senhor de cerca de 70 anos e membro de AA há mais de 20, esclarece o caráter particular desse fenômeno: “*Aqui em AA a nossa vida é um filme. O enredo é o mesmo, o que muda é o enfoque*

*que cada um dá. O meu filme passaria na Sessão da Tarde!”<sup>11</sup>. Isto é, as narrativas dos alcoólicos, de maneira geral, assumem a mesma trama em torno do tema do alcoolismo. O que as diferencia é a dimensão e a gravidade atribuídas pelos próprios alcoólicos aos episódios que classificam como *fundo do poço*.*

A seguir, apresento a fala de Júlia (fisioterapeuta, 51 anos, e membro de AA há 26) durante uma entrevista, com o objetivo de demonstrar de que forma a descrição do *fundo do poço* e o discurso emocional envolvido nela operam como um espelho que reflete o inverso do que se busca ser e viver em recuperação.

Ingressei em AA aos 25 anos, assim que minha filha nasceu. Fiquei 16 anos sem beber [...]. Nesse tempo, eu me formei em Fisioterapia e comecei a atender em um consultório na Zona Sul. Aos poucos, eu parei de frequentar as reuniões de AA e tive uma recaída. Fiquei 6 anos bebendo e aí eu fui no fundo do poço. Naquela fase, eu pensei: “Posso voltar a beber! Agora eu sou formada! Sou uma doutora! Não vou ficar sambando com porteiro, beijando boca de porteiro, me drogando, subindo morro e descendo morro!

Imagina! Sou outra pessoa!”. E foi muito pior! Até com morador de rua eu me envolvi. No início da recaída, eu bebia vinho comendo carpaccio, num apê maneiríssimo [sic]. Terminei sentada na Central do Brasil, na porta de uma boca de fumo e com o traficante falando no celular com a minha filha, que procurava por mim desesperada. Eu estava há dias andando pela Central do Brasil sozinha. Quando minha filha chegou para me buscar, ela só estendeu a mão e me tirou dali (Entrevista, setembro de 2018).

Após a recordação do gesto da filha, Júlia reitera:

Foi por ela que eu não me matei diversas vezes, e por ela que eu voltei para o AA. Quando retomei ao grupo, comecei a mexer na minha história, a me conhecer. Nestes últimos três anos, eu tenho construído a Júlia que eu sempre quis ser. O momento agora é de cuidar de mim, de me amar [...]. Agora eu tenho um lar! Uma casa linda e harmoniosa. Na ativa, eu passava dias na casa de um amigo, no pé da favela, bebendo e me drogando. Passava dias lá, trancada num lugar sujo, escuro e fechado, com um ‘entra e sai’ [sic] insano de pessoas. Mas hoje não! Hoje eu tenho a minha casa, um lugar limpo, de espiritualidade e não é qualquer um que eu deixo entrar! (Júlia, entrevista, setembro de 2018, Rio de Janeiro).

A fala de Júlia está demarcada entre o “ontem”, entendido como sujo e escuro, e o

---

<sup>11</sup> Programa da televisão brasileira, exibido de segunda à sexta-feira pela Rede Globo, que transmite filmes com indicação livre ou classificados para pessoas a partir dos 12 anos de idade.

“hoje”, classificado como limpo e harmonioso. Esta diferenciação entre o *tempo de ativa* e o *tempo de recuperação* é muito comum nas *partilhas* em AA. Os atos de fala, em primeira pessoa, destinados a interpretar e criar alguma representação da doença do alcoolismo e seus desdobramentos, corporificam o vivido e acabam por esbarrar, na grande maioria, em representações de experiências de sofrimento e dor. A respeito da construção e (re)construção do *self*, o sofrimento e a dor, à primeira vista, podem representar a experiência que desintegra a Pessoa alcoólica. Entretanto, quando compartilhado, torna-se uma ferramenta que permite criar e (re)criar representações do *self* em um novo contexto, agora de recuperação.

Na tentativa de representação dos alcoólicos em *cabeceira de mesa*, existe um “eu” engajado em si e na produção de suas próprias memórias, mas que logo assume o lugar de um “nós”, por meio do contraponto da fala, isto é, a escuta. Dessa maneira, a escuta possibilita a formação de certa identificação com experiências que atravessam a grande maioria dos alcoólicos — como fragmentações de relações familiares, por exemplo — e faz dos discursos uma ferramenta de contágio que impulsiona a finalidade coletiva da sobriedade.

Uma leitura possível das *partilhas* em AA, portanto, é a sua aproximação ao modelo de testemunho religioso<sup>12</sup> (Côrtes, 2014), tendo em vista que as narrativas seguem a lógica de um discurso de rompimento com a identidade anterior, marcada pelo *uso abusivo de álcool*, que tende revisitar a história de vida marcada pelo álcool com o objetivo de construir um novo estilo de vida após a aceitação da condição de doente alcoólico.

De acordo com Eduardo Dullo e Luiz Fernando Dias Duarte (2016),

no testemunho religioso a narrativa pode abarcar tanto o testemunho em que o sujeito se afirma na fé, isto é, atesta a sua fidelidade, quanto pode abarcar a narrativa como a reafirmação de haver testemunhado um acontecimento (p. 14).

Nesse aspecto, as *partilhas* em AA indicam que a fala do membro testemunhante é direcionada a comprovar, para si e para os ouvintes, como é possível parar de beber. Exemplo disso é a fala inicial de alguns alcoólicos em *cabeceira de mesa*: “*Estou aqui para mostrar como é possível! Se eu consegui, vocês também conseguem!*”. Dessa forma, a narrativa do testemunho

---

<sup>12</sup> Ainda que as narrativas das *partilhas* muito se assemelhem aos testemunhos religiosos marcados por “um antes e um depois” da aproximação com determinadas práticas religiosas, é importante ressaltar que a religião é um tema controverso no interior dos grupos de AA e que apesar de render uma reflexão muito profícua, fogem da discussão aqui proposta.

entre os membros se aproxima da tentativa de validar o programa de recuperação para os ouvintes, sobretudo para aqueles que se encontram em início de recuperação. Isto porque ao testemunhar a eficácia da recuperação, o alcoólico afirma o propósito da sobriedade, e, ao mesmo tempo, atesta para outros membros a possibilidade de parar de beber.

A narrativa autorreferenciada do testemunho repercute ainda na recuperação e no desejo por parar de beber daqueles que a compartilham enquanto ouvintes. Por um lado, ao falar de si, o membro reafirma seu compromisso com a sobriedade e compartilha suas dificuldades, erros e acertos na tentativa de se manter sóbrio. Por outro, no exercício da escuta, o alcoólico ouvinte se espelha no testemunhante para criar seus próprios caminhos de sobriedade. Por isto, as *partilhas* não cumprem apenas a função de comunicar e informar, mas repercutem e afetam quem as testemunham, produzindo efeitos no presente e nos planos futuros dos ouvintes. Como salienta Butler (2017), a reflexividade do si-mesmo é incitada por um outro, de modo que o discurso de uma pessoa leva a outra à reflexão de si.

Acerca dos efeitos do ato de falar e ouvir em um serviço telefônico de prevenção ao suicídio, Isis Martins (2016) enfatiza:

Falar de si, de sua intimidade, consiste, assim, em um ato que articula a própria constituição e cultivo do *self*. Ter quem escute esse discurso é uma prerrogativa do estabelecimento de um modelo autorreferenciado de si. Mas esse modelo só se realiza pelo jogo de espelhos entre fala e escuta: porque é necessário haver quem saiba escutar, quem testemunhe o discurso e garanta sua eficácia e valor dignificante (p. 20).

Assim, há no cerne da prática das *partilhas* a produção de certa narrativa autorreferenciada, cujo alvo é a própria trajetória de vida de quem fala, do testemunhante, mas que encontra seu ápice na escuta. Compreender de que maneira esta prática adequou-se à nova realidade imposta pela pandemia da Covid-19 é o que se pretende a seguir.

## ***Partilhas e Covid-19***

No dia 30 de abril de 2020, por força de uma decisão da Justiça Federal de São Luís, o Maranhão foi o primeiro estado brasileiro a decretar a medida conhecida como *lockdown* para tentar conter a proliferação do vírus da Covid-19. No Rio de Janeiro, apesar do alerta da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) ao governo estadual e municipal para o descontrole com as novas infecções, o governador Wilson Witzel delegou aos municípios a autoridade para que

cada um estabelecesse suas medidas e regras de isolamento. Marcelo Crivella, prefeito da cidade do Rio de Janeiro na época, decretou bloqueios de entrada e de circulação em apenas alguns bairros da capital carioca. Não à toa, houve muitos desencontros de informações sobre as medidas de proteção e suas aplicabilidades nesse cenário inicial da pandemia.

O *lockdown*, que em português equivale a bloqueio total ou confinamento, é uma medida rígida de segurança adotada pelo poder público para tentar conter situações imprevisíveis, que ameaçam o convívio social, como, por exemplo, a propagação do coronavírus. Não demorou para que essa medida atingisse os grupos de Alcoólicos Anônimos que logo tiveram que fechar suas salas de reunião. Especificamente, no estado Rio de Janeiro, são 72 cidades com grupos de AA. Na capital, contabiliza-se 207 com reuniões diárias e em todos os turnos (manhã, tarde e noite).

A presença e participação continuada nessas reuniões articuladas em torno das *partilhas* são fundamentais para que homens e mulheres mantenham a recuperação e a abstinência do álcool. Assim, diante das medidas de confinamento impostas pela pandemia da Covid-19, milhares de alcoólicos ficaram sem essa rede de apoio. O termo “fique em casa” viralizou entre os apoiadores do *lockdown* e se espalhou rapidamente pelas redes sociais. Ainda que necessário e urgente, o confinamento impossibilitou práticas de cuidado e a recuperação de grupos como os de AA, para os quais o princípio do confinamento configurava mais uma ameaça do que proteção.

Preocupação e curiosidade me fizeram retornar o contato com os meus interlocutores da pesquisa de mestrado; por cerca de dois anos não nos falávamos. De imediato mandei uma mensagem para Mirtes, que na época da pesquisa era uma figura bem articulada nos grupos da Zona do Sul do Rio, transitava com facilidade entre os novatos e era reconhecida pelo seu amplo conhecimento da literatura de AA. No momento de nosso reencontro (virtual), Mirtes contabilizava 23 anos de recuperação, integrava o conselho fiscal de seu grupo e há pouco deixou de ser membro coordenador do distrito da Zona Sul. Durante os primeiros minutos da entrevista, Mirtes fez questão de me atualizar sobre as novidades dos grupos.

A principal novidade, segundo ela, foi o aumento em 40% de mulheres ingressantes nos grupos de AA durante a pandemia. Em suas palavras,

houve uma verdadeira enxurrada de mulheres ingressando. Parecia que só entrava mulher e sempre com a mesma história. Elas diziam que estavam

entrando porque já bebiam em casa, mas com a pandemia, passaram a beber o dia todo. Elas me diziam que já tomavam uma cerveja fazendo a comida, mas agora bebem fazendo o café, o almoço, o lanche e a janta (Mirtes, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Outro aspecto que a surpreendeu positivamente foi o que denominou de “*uma nova realidade de Alcoólicos Anônimos*”. Ela explica:

Eu ingressei numa época em que o pessoal chegava muito pior, muito mais acabado, com muito mais perda... eu, por exemplo, vim de clínica, perdi trabalho, me separei, fui um vexame na família.

O nível das pessoas que chegam agora é outro... chegam inteiras, dizendo: “eu tô [sic] fazendo mestrado, mas não tá legal!”; “eu bebi, bati com carro... coisas que nunca me aconteceram...”.

Eu [Mirtes], por exemplo, estou com uma afilhada<sup>13</sup>, que é médica, residente e têm a consciência de que se continuar bebendo não vai se formar (Mirtes, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Nitidamente, de acordo com as descrições de Mirtes, os grupos de AA sofreram e ainda sofrem certas transformações no contexto pandêmico (Campos, 2021). Parece que o público e as razões que motivam a procura pelos grupos de AA têm mudado, e uma possível explicação para essa transformação é o confinamento, que tem exigido que as pessoas estabeleçam uma nova relação consigo e um olhar mais atento para si. Essa é uma hipótese que irei desenvolver mais adiante. No entanto, o que mais chama atenção na narrativa de Mirtes é sua fala sobre como os grupos reagiram às medidas de segurança para conter a Covid-19. Segundo ela, na mesma semana em que o comércio considerado não essencial foi obrigado a fechar as portas e/ou reduzir o número do público, os membros de AA, de forma voluntária e por ímpeto individual, criaram grupos no *Whatsapp* e abriram salas na plataforma *Zoom*. De acordo com Mirtes, ainda no mês de março, cada grupo (sobretudo na Zona Sul do Rio de Janeiro) buscou se adequar às plataformas de reuniões online, mas sem uma orientação única da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil (Junaab).

Um ponto extremamente importante sobre a entrevista com Mirtes deve ser

---

<sup>13</sup> Em AA os membros recém ingressos possuem um padrinho ou uma madrinha responsável por lhe apresentar a programação e praticar junto a ele os *Doze Passos*. Ao ocupar este papel, o padrinho ou a madrinha assume a função de acompanhar todo o processo de recuperação do alcoólico, assegurar disponibilidade para conversar e tirar dúvidas sobre a programação do grupo.

considerado aqui. Durante toda a sua fala, ela fez questão de frisar que o cenário que me descrevia era um recorte muito particular da Zona Sul do Rio de Janeiro e que por isso, não podia ser generalizado para tratar de todos os grupos de AA da cidade. Por exemplo, logo no início do *lockdown*, os membros começaram a participar de reuniões que eles próprios criaram para manter, de alguma forma, a recuperação. No entanto, isso não se aplicou a grupos de AA localizados em favelas, como o Santa Marta, Rocinha, Vidigal que, de acordo com Mirtes, nunca fecharam as portas durante a pandemia.

Essa discrepância apontada por Mirtes pode ser lida a partir do que Asa Laurell (1982) chama atenção acerca das limitações de tratarmos do processo saúde-doença como um fenômeno unicamente biológico. De acordo com a autora,

a questão de planejar-se o estudo do processo saúde-doença como um processo social não se refere somente a uma exploração de seu caráter, mas coloca, de imediato, o problema de sua articulação com outros processos sociais, o que nos remete inevitavelmente ao problema de suas determinações (Laurell, 1982, p. 3).

Assim, segundo Laurell, o caráter social da doença está presente sobretudo no modo como se adoece e se morre em nossa sociedade. No caso exposto por Mirtes, o caráter social da doença fica evidente nos privilégios de classe que permitem que determinados sujeitos possam dar continuidade ao tratamento do alcoolismo em suas residências, por meio de aparelhos eletrônicos com uma rede wifi.

Dando continuidade ao relato de Mirtes, ela aponta que, em pouco tempo, menos de um mês desde o início do *lockdown*, a Junaab fez uma parceria com a empresa Google e conseguiu uma conta particular do Grupo de Alcoólicos Anônimos Brasil na plataforma *Meet*. Os links das reuniões estão disponíveis no site oficial de AA e circulam por grupos de *WhatsApp* criados pelos próprios membros. A partir disto, AA implementou no modelo online a mesma dinâmica de reuniões presenciais em torno das *partilhas*. O ritual é muito similar: o coordenador dá início a reunião solicitando um minuto de silêncio e em seguida pronuncia a Oração da Serenidade. Em reuniões de uma hora, cada membro tem em torno de cinco minutos para sua *partilha* (o uso da câmera não é obrigatório) e em reuniões de duas horas, os membros podem falar entre sete e dez minutos. A contribuição voluntária para o pagamento das despesas e manutenção da sala física dos grupos passou a ser realizada por pix (meio de pagamento eletrônico instantâneo). De acordo com Mirtes,

os antigos ficaram no início: “esquisito isso! Abre a câmera, fecha a câmera! Não pode

ficar sem camisa, não pode comer... tem gente atrás de você! Olha o anonimato!” Mas aos poucos fomos nos adequadamente e hoje funciona perfeitamente bem. Tivemos alguns casos de invasão [entrada de pessoas não autorizadas] na reunião, mas rapidamente aprendemos a conter essas atitudes (Mirtes, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Diante dessa nova realidade do grupo de AA, que desde a sua criação, em 1935, buscou construir uma rede de apoio a homens e mulheres com *problemas em comum com o álcool*, é fundamental questionarmos qual a importância de uma rede como essa em um período pandêmico, marcado por extrema incerteza e que desmascara vulnerabilidades e fragilidades pessoais. A fala de Mirtes a seguir responde por si só esse questionamento. Quando perguntou se AA se adaptou ao confinamento, ela me diz: “*Uma moça do nordeste, por exemplo, na reunião aqui do Rio disse: 'eu vou me matar! vou me matar hoje! Já comprei o chumbinho!' A gente [o grupo] ficou revezando, todo mundo ligava para ela durante dias e ela não se matou. Está aí há um ano já em recuperação*” (Mirtes, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Tal como indica Mirtes, os grupos não só se adaptaram ao novo contexto pandêmico, como também ampliaram sua rede de apoio, agora sem a demarcação de fronteiras físicas graças ao modelo online das reuniões. Embora a nova realidade de AA revele um imenso avanço que, sem dúvida, proporcionou a continuidade da recuperação de milhares de alcoólicos em meio ao fechamento das salas de AA, não se deve perder de vista o alerta de Mirtes acerca dos marcadores sociais que impedem a generalização dessa realidade. Como ela própria frisa, “*o acesso ao modelo online é um privilégio de poucos. Por exemplo, o rapaz que era porteiro, companheiro nosso, disse uma vez: 'eu não tenho internet... se eu colocar um cartão pré-pago em meia hora acaba o crédito. Como eu vou ouvir uma reunião de 2 horas?'*”. Atentos a isto, assim que autorizado pela prefeitura do Rio, o grupo de Mirtes, que antes da pandemia comportava cerca de 40 cadeiras em sua sala, passou a funcionar apenas com 15 cadeiras exclusivas para pessoas que, por diversos motivos, sobretudo econômicos, não têm condições de acessar às reuniões online.

Ainda acerca da modalidade de reuniões online como uma reação à pandemia da Covid-19, é interessante compreender como essa adaptação reafirma o caráter social do processo saúde-doença “na medida em que não é possível focalizar a normalidade biológica do homem à margem do momento histórico”, como salienta Laurell (1982, p. 12).

## “E aí chegou a pandemia...”: o caso de Lila à título de conclusão

E aí chegou a pandemia... e foi muito engraçado porque quando eu cheguei no AA, eu não conseguia andar de elevador sozinha, eu tinha um pânico absurdo. Então, eu não saía de casa, só ia para o grupo. Não trabalhava, não estudava, não fazia nada. E um pouco antes da pandemia começar, eu fiz amigos e foram os primeiros amigos que eu fiz na vida, com 23 anos, e comecei a sair. Eu ia para casa de uma amiga minha e ficava lá tocando violão. E de repente eu me vi naquele lugar de novo, de reclusão, de ter que fazer a vontade contrariada dessa vez. Porque antes eu queria ficar na cama, ficava semanas sem tomar banho e coisas desse tipo. Então no início [da pandemia] eu comecei a ficar desesperada, era uma coisa muito intensa. A minha madrinha falou pra [sic] mim que eu ia ter que olhar pra [sic] mim pela primeira vez na vida. E aí eu comecei a olhar para mim e ver que eu precisava do AA. E essa coisa do online foi uma benção porque eu seria uma das pessoas que não poderia ir na sala porque eu sou de risco, tenho obesidade mórbida. E aí eu comecei a ir nas reuniões online. A espiritualidade é a mesma, só não tem os abraços, mas a troca e o compartilhar de cada história que eu me identifico, isso não mudou... que é o essencial (Lila, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Lila é uma jovem de 26 anos, estudante de designer e há 4 anos segue a recuperação de AA para contornar o seu *problema com o álcool*. Indicada por Mirtes para conversar comigo sobre como o grupo tem se ajustado à pandemia, ela é uma entusiasta do novo modelo de reuniões online. Em sua fala, citada acima, alguns aspectos merecem uma reflexão. Um deles é a frustração que Lila sentiu nos primeiros momentos de confinamento ao se deparar com a possibilidade de um retrocesso em sua recuperação e na socialização com seus novos amigos.

É importante frisar que esse misto de frustração e retorno a antigos hábitos da *ativa* (presente na fala de Lila) é apontado pelos membros de AA como uma combinação perigosa para o alcoólico, pois facilitaria uma possível *recaída* (voltar a beber). No entanto, essa frustração parece ter recebido outro significado quando Lila, por meio de sua madrinha, se deu conta de que o confinamento poderia ser revertido em um momento de reflexão e em uma oportunidade de “*olhar*” para si mesma. Esse movimento direcionado a si mesmo é denominado por ela de “vontade contrariada”. Isto é, se na *ativa*, Lila buscava se recluser em seu quarto e interagir o mínimo possível com outras pessoas, na pandemia, viu-se obrigada a retornar tais hábitos. Ainda que inesperado, esse movimento de reclusão em si mesmo, em razão da pandemia, parece ter produzido em Lila novas práticas de cuidado e de atenção direcionadas a si mesma. Sobre esse aspecto, ela acrescenta:

Nessa [sic] pandemia eu tive que crescer. Eu sempre tive que crescer e fazer coisas que muitas vezes eu não queria fazer, mas fazia porque minha mãe é adicta. Porque não tinha cuidado...então minha infância e adolescência foi comigo mesma. E aí essa pandemia também me forçou a crescer, forçou a me colocar num lugar que não é meu lugar de conforto, mas que eu precisava porque eu não quero mais morrer. Eu poderia muito bem sair na rua, dizer que eu iria no grupo [de AA], pegar covid e morrer. Se fosse uns anos atrás eu faria isso, eu usaria isso como desculpa para acabar morrendo. Mas o fato deu [sic] me apegar à vida e querer viver, querer ir para esse online que é maravilhoso (Lila, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

O que Lila parece indicar é que o confinamento e todos os sentimentos provocados por ele a fizeram reagir de uma outra forma à recuperação. Uma reação ainda mais consciente e autônoma em relação à necessidade de parar de beber e seguir com a abstinência. Além do mais, ao longo de nossa conversa, Lila fez questão de me contar que o olhar mais atento para si mesma a fez perceber uma nova paixão. Ela comenta:

Na pandemia eu comecei um projeto educacional para crianças e adolescentes pelo Whatsapp. Para as crianças ficarem mais em casa e fazerem alguma coisa produtiva. É um projeto de jogos, RPG<sup>14</sup>. E eu me apaixonei pela educação. É uma educação libertária porque elas podem escolher o que querem aprender até porque não é escola. É muito legal ver que há alguns anos eu não seria exemplo para ninguém, eu era um nada, eu me via como um nada, eu era menos do que isso, eu me via como um monstro, na verdade. A culpa era muito grande, tudo era muito exacerbado, tudo ruim, e hoje poder ser exemplo para crianças.... (Lila, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

De acordo com Lila, a educação não só se revelou como uma nova ocupação, mas repercutiu em sua autoestima e a fez valorizar sua trajetória até o AA. Apesar de descrever sua adaptação ao confinamento como um exemplo de sucesso, ela faz importantes observações sobre como, ao seu ver, o confinamento e a dinâmica das reuniões online repercutiram em quem ingressou no AA durante a pandemia (o que não foi o seu caso). Ela diz:

Tem muita gente que entrou na pandemia, que não sabe o que é uma sala presencial. Quando ingressei, eu ficava de manhã até à noite na sala presencial. Chegava 8h da manhã e saía 22h da noite porque eu precisava, era muita coisa... meu local de ativa era em casa e eu não sei se eu conseguiria na pandemia porque precisava sair daquele ambiente para me recuperar (Lila, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

E quando pergunto se Lila acredita que ficou mais difícil lidar com o desejo de beber durante o confinamento, ela comenta:

Sabe que eu acho que na verdade foi o contrário? Porque a gente tem muito mais ingressantes hoje do que a gente tinha antes, né? As pessoas foram obrigadas a olhar para elas e elas começaram a não suportar mais aquela situação. Porque não era mais uma situação de socialização, era álcool por álcool. Você está ali sozinho, bebendo sozinho. Eu vejo muita gente falando que percebeu por causa da pandemia que era alcoólatra. Não tem mais aquela desculpa “vou sair com meus amigos!”, não... é dentro de casa, no fundo do poço, deitada no tapete (Lila, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Como todo e qualquer fenômeno social, a pandemia despertou inúmeros sentimentos, angústias e dúvidas de ordens diferentes nos sujeitos. No entanto, ainda segundo a avaliação de Lila, o que a maioria dos ingressantes parece ter sofrido em comum foi um certo processo de autorreconhecimento. A *partilha*, nesse cenário, é a prática que permite que os novos membros de AA se reconheçam no testemunho de outros companheiros(as) e avaliem suas próprias trajetórias. Assim, o modelo online de reunião, que manteve a prática das *partilhas*, talvez tenha apenas descortinado algo que já era implícito nas reuniões presenciais: o contato físico não é o motor principal para a recuperação dos alcoólicos, mas sim o binômio fala/escuta. Como enfatiza Lila:

A nossa parada é a palavra! A gente não precisa pegar no outro para contar a nossa história, para falar que está funcionando, para mostrar para o novo [ingressante em AA] que a gente está conseguindo ficar nessa pandemia sem beber.

A gente não está ali para dar um ombro, para abraçar, mas é a mesma troca e essas pessoas são muito fortes porque você começa a recuperação dentro de um quarto. Sem ter ninguém para se relacionar deve ser muito difícil, mas ao mesmo tempo, eu vejo essas pessoas se apegando às salas online (Lila, entrevista, setembro de 2021, Rio de Janeiro).

Este breve panorama de como os grupos de Alcoólicos Anônimos se adaptaram à realidade de reuniões online e a própria fala de Lila nos confirma que a palavra instrumentalizada por meio das *partilhas* é o que permite que os alcoólicos, ao passo que *falem de si, façam a si mesmos*. É por meio da palavra que testemunha e é testemunhada que os sujeitos constroem certa agência diante de suas próprias vidas, ainda que com o fato incontornável do alcoolismo.

## Referências

BONET, Octavio. Saber e sentir. Uma etnografia de aprendizagem da Biomedicina. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 123–150, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Eds.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183–191.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRUNELLO, Eduardo Tadeu. *Alcoolismo e redes terapêuticas: uma análise antropológica sobre grupos de ajuda mútua de Londrina (PR)*. 2013. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CAMPOS, Edemilson. Etnografia Virtual em Alcoólicos Anônimos em Tempos de covid: Desafios Teóricos e Metodológicos. *Rev. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais: Avanços e Desafios*, v. 9, p. 102–109, 2021.

CÔRTEZ, Mariana. O mercado pentecostal de pregações e testemunhos: formas de gestão do sofrimento na periferia. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 184–209, 2014.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, v. 14, n. 40, p. 31–42, 1999.

DULLO, Eduardo; DUARTE, Luiz Fernando Dias. Introdução ao Dossiê “Testemunho”. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 12–18, 2016.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985 [1983].

FORTE, Mariana. *Quando o viver é uma aposta: uma etnografia sobre os potenciais de vida entre membros de Alcoólicos Anônimos do Rio de Janeiro*. 2019. 150f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LAURELL, Asa Cristina. La salud-enfermedad como proceso social. *Revista latinoamericana de Salud*, v. 2, n. 1, p. 7–25, 1982.

MARTINS, Isis. Moralidades e atos de fala em serviços de apoio emocional: modalidades laicas da confissão e do testemunho? *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 19–43, 2016.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos: funerários orais funerários australianos. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1921]. p. 325–335.

Recebido em 28 de junho de 2023

Aceito em 2 de outubro de 2023